

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG
PEDAGOGIA
ADRIANA SOARES

**A EDUCAÇÃO E A BUSCA DO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER
HUMANO**

Varginha
2015

ADRIANA SOARES

**A EDUCAÇÃO E A BUSCA DO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER
HUMANO**

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Prof^a. Ma. Vânia de Fátima Flores Paiva.

**Varginha
2015**

ADRIANA SOARES

**A EDUCAÇÃO E A BUSCA DO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER
HUMANO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas- UNIS/MG, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura, pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovado em / /

Prof.^a Ms. Vânia de Fátima Flores

Prof.^a Ângela Márcia de Oliveira Botrel

Prof.^a Karina Maria de Souza Araújo Botrel

OBS.:

Dedico este trabalho a Deus, pois sem ele eu não teria forças para essa longa jornada; a toda minha família e amigos, pelo incentivo e apoio constantes; e à professora Vânia de Fátima Flores Paiva, com quem partilhei o que era o broto daquilo que veio a ser esta monografia.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. A minha orientadora Vânia Flores, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Aos meus pais, pelo amor e apoio incondicional. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigada.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.” (Arthur Schopenhauer).

RESUMO

Este trabalho investiga a aprendizagem escolar, com o fim único de preparar o aluno para enfrentar os desafios acadêmicos, desconsiderando o fato de que um homem deve se desenvolver em várias dimensões: no individual e principalmente no coletivo. Tal abordagem deve-se ao fato das instituições escolares focarem seus estudos apenas em resultados, uma vez que a qualidade do ensino desenvolvido, é medido e determinado pelo rendimento em exames como ENEM, prova Brasil, vestibulares e processos seletivos em geral. A finalidade desta pesquisa é demonstrar a importância da escola trabalhar outras competências além das cognitivas, buscando capacitar os indivíduos a aprender, viver, conviver e trabalhar em uma sociedade cada vez mais complexa. E assim, garantir uma aprendizagem efetiva, que aumente as oportunidades e a capacidade de todos continuarem aprendendo. Este propósito será conseguido mediante revisão bibliográfica de autores como Howard Gardner (1995), Celso Antunes (1999), Daniel Goleman (1996), Paul Tough (2014), entre outros. O estudo demonstrou que para a escola ter efetividade na preparação de seus alunos em busca do seu desenvolvimento pleno, é necessário que ela enfoque também na formação do caráter destes. As chamadas habilidades não cognitivas, competências socioemocionais, deverão ser trabalhadas com o intuito de reduzir a desigualdade e possibilitar formação de seres humanos bem sucedidos ao longo da vida. E que não somente pensem em estabilidade financeira, mas em se tornarem pessoas felizes na família e no lugar onde vivem, produtivas e satisfeitas no trabalho que escolherem realizar.

Palavras-chave: Aprendizagem. Cognitivo. Competências Socioemocionais.

ABSTRACT

This work investigates school learning, for the sole purpose of preparing students to meet the academic challenges, disregarding the fact that a man should develop in several dimensions: the individual and especially the collective. Such an approach is due to the fact that educational institutions focus their studies only on results, since the quality of their teaching, is measured and determined by performance on tests like ENEM proves Brazil, vestibular and selection processes in general. The purpose of this research is to demonstrate the importance of school work other skills besides the cognitive, seeking to enable individuals to learn, live, cohabit and work in an increasingly complex society. And thus ensure effective learning, to increase the opportunities and the ability to continue learning all. This purpose is achieved by a bibliographic review of authors such as Howard Gardner (1995), Celso Antunes (1999), Daniel Goleman (1996), Paul Tough (2014), among others. The study showed that for the school to have effectiveness in preparing their students in pursuit of their full development, it is necessary that approach also in the character of these. The so-called non-cognitive skills, social-emotional skills, should be worked in order to reduce inequality and enable formation of successful human beings over a lifetime. And not only think of financial stability, but become happy people in the family and where they live, productive and satisfied at work who choose to accomplish.

Keywords: *Learning. Cognitive. Socio-emotional skills.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A EVOLUÇÃO NO CONCEITO DE INTELIGÊNCIA	12
2.1	A inteligência quantificável.....	12
2.2	Gardner e as demais capacidades humanas.....	13
3	O USO DAS EMOÇÕES COMO FATOR DE INTELIGÊNCIA.....	16
3.1	Inteligência emocional.....	16
3.2	Alfabetização emocional.....	17
4	A IMPORTÂNCIA DAS CARACTERÍSTICAS SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO.....	19
4.1	Competências não cognitivas ou socioemocionais.....	19
4.2	Características mais importantes que a inteligência para uma educação de sucesso.....	22
5	CONCLUSÃO.....	24
	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia investiga a importância de a escola trabalhar além das habilidades cognitivas que buscam o bom desenvolvimento acadêmico, outras capazes de desenvolver nos educandos capacidades que promovam um bem estar individual e coletivo, visando à promoção de um ensino que os capacite transpor não somente os desafios acadêmicos, mas os sociais, políticos e profissionais, necessários ao desenvolvimento pleno do ser humano. Tal tema veio em resposta ao questionamento de porque alguns educandos conseguem sucesso na vida e na escola e outros não. Esse fato é decorrente de uma escola que busca somente resultados em avaliações e exames de admissão, em que a minoria recebe a aprovação e muitos são deixados para trás. Essa visão limitada que a escola tem de querer promover o sucesso na vida de seus educandos faz com que ela não trabalhe outras competências e habilidades indispensáveis a vida produtiva e repleta de significado.

Tal estudo se faz necessário, pois de acordo com Tough¹ (2014) a sociedade culpa o insucesso de determinado indivíduo na vida como um todo, pela situação social ao qual está inserido, o interligando com fatores externos geralmente de âmbito econômico como, insegurança alimentar, falta de acesso à habitação e saúde, entre outros. O autor relata que todos esses problemas são legítimos e importantes, mas não representem de maneira precisa os principais obstáculos tantas vezes enfrentados por esses indivíduos: os pessoais. Na luta contra a situação de desvantagem o autor defende que nenhuma ferramenta é tão valiosa quanto o *caráter*. Tais características como a escrupulosidade, determinação, resiliência, perseverança e otimismo devem ser trabalhadas na escola, pois têm tanta influência na determinação de que tipo de indivíduo será formado e a qualidade de vida, quanto às habilidades intelectuais atualmente desenvolvidas no âmbito acadêmico.

É importante ressaltar também a contribuição do objetivo de pesquisa desta monografia para a comunidade em geral, uma vez que investiga a atuação das instituições de ensino. A escola tem função importante na formação dos cidadãos que compõem a sociedade na qual está inserida, sendo assim exerce grande influência no papel que esses indivíduos assumirão no decorrer de suas vidas, resultante da forma como foram estabelecidas as relações de ensino e aprendizagem. A maneira pela qual se promove a educação, com vistas a desenvolver no educando habilidades e competências que o prepare para enfrentar as mais variadas situações com êxito, é de grande valia na evolução da vida desses cidadãos, mas ela

¹ Paul Tough: jornalista e colaborador da revista *New York Times Magazine*, onde publica diversos textos sobre educação, caráter e política.

tem que ser desenvolvida de modo que proporcione ensino de qualidade tanto para alunos privilegiados quanto para aqueles que vivem em situação de pobreza.

O propósito desta pesquisa é demonstrar os motivos pelos quais alguns indivíduos conseguem sucesso e outros não, o que poderá revelar a influência que a forma como a educação é praticada tem nesse processo. Tal propósito será alcançado mediante o relato de estudiosos da educação que desenvolveram teorias e defenderam teses que tentaram ampliar as habilidades desenvolvidas na escola, mudando os caminhos que o ensino vem tomando a fim de que se consiga formar o educando para que ele tenha uma vida próspera, não somente nos estudos, mas em sua existência como um todo.

Esse propósito será conseguido mediante revisão bibliográfica, como explica Lakatos e Marconi (1987, p. 66)

a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado em livros, enciclopédias, revistas, jornais, folhetos, boletins, monografias, teses, dissertações e material cartográfico. Pretende-se, assim, colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo.

Percorrendo o caminho da pesquisa bibliográfica, a trajetória inicia-se com a evolução do conceito de inteligência, abordado no segundo capítulo, onde são registradas as definições do que é ser inteligente dos pontos de vista do psicólogo francês Alfred Binet, explicado por Antunes²(1999), como idealizador dos testes de quociente intelectual (QI) focado nas habilidades cognitivas, nas quais capacidades de escrita e lógico matemáticas eram mensuradas e determinavam ou não o sucesso das pessoas, relatando a forma de como a escola lida com tais informações.

Posteriormente foi explicitado a ampliação do conceito de inteligência por Gardner³(1995), em sua Teoria das Inteligências Múltiplas, enxergando o ser humano de uma forma mais holística e considerando que qualquer pessoa, com raras exceções, possua algum tipo de inteligência. Tal informação influencia a forma de enxergar o processo ensino aprendizagem, uma vez que demonstra que cada um tem uma forma peculiar de aprender.

No terceiro capítulo foram abordados os estudos de Goleman⁴(1996) e Antunes (1999), que propõem uma alfabetização emocional, começando assim a relacionar fatores pessoais à prosperidade, a partir das inteligências intra e interpessoal de Gardner (1995), que

² Celso Antunes: Bacharelado e Licenciatura: Geografia – Especialista em Inteligência e Cognição – Mestre em Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1968/1972

³ Howard Gardner cientista norte americano formado no campo da psicologia e da neurologia.

⁴ Daniel Goleman: Psicólogo PhD pela Universidade de Havard

por sua vez considera que a escola não foque somente no ensino das disciplinas, mas ensinem seus educandos a lidar com as emoções.

Por final no quarto e último capítulo, são mencionados estudos recentes sobre as habilidades não cognitivas, vistas como proposta para desenvolver uma educação que proporcione oportunidades iguais para todos uma vez que demonstra um tipo de intervenção que ajuda o progresso dos alunos não somente na escola, mas para que sejam bem sucedidos na vida.

2 A EVOLUÇÃO NO CONCEITO DE INTELIGÊNCIA

Neste capítulo será apresentado o conceito de inteligência e como foi se alterando e ampliando conforme o aprimoramento das pesquisas, demonstrando assim de que forma essas definições influenciaram a maneira de se desenvolver uma educação de qualidade, que possa refletir e trabalhar o ser humano por inteiro, com o intuito de compreender e significar o processo educativo como condição para a ampliação do desenvolvimento humano.

2.1 A inteligência quantificável

Como explica Antunes (1999), no final do século XIX, em Paris, o psicólogo francês Alfred Binet estruturou um conceito de inteligência fazendo com que todas as escolas se formatassem para acolher essa percepção, e propôs uma forma de quantificá-la. A medida utilizada era o QI⁵, encontrado por meio dos famosos testes de inteligência, que começaram na França e logo chegaram aos Estados Unidos. A inteligência se desenvolvia em apenas dois espectros; o lógico matemático e o verbal.

De acordo com o autor supracitado as pessoas que apresentavam outras habilidades, como a música, pintura, dança, eram vistas como receptoras de um dom divino, “gênios”, e por tais habilidades não serem encontradas em qualquer indivíduo, não poderiam ser desenvolvidas e nem trabalhadas no ambiente escolar.

Os tais testes de inteligência, prediziam quais crianças iriam obter sucesso ou fracasso escolar, ligando o êxito de um indivíduo à sua capacidade cognitiva, sendo que, a melhor maneira de desenvolver tais capacidades seria praticá-las em quantidade e o quanto mais cedo possível. O que determinava o quociente de inteligência das crianças era a forma como foram estimuladas em seus primeiros anos de vida, pois quanto mais contatos tivessem com livros, números, palavras, falas, escrita, mais preparadas estariam para ingressar nas escolas e maior seria o seu desempenho no âmbito acadêmico. Essas informações ganharam êxito quando em 1994 a *Carnegie Corporation*⁶, publicou *Starting Points: Meeting the Needs of Our Youngest*⁷

⁵ QI Quociente de Inteligência

⁶ *Carnegie Task Force on Meeting the Needs of Young Children, Starting Points: Meeting the Needs of Our Youngest Children (Nova York: Carnegie Corporation of The Nova York, 1994)* (Carnegie grupo de Trabalho para atender as necessidades de crianças pequenas, Pontos de Partida: atender às necessidades de nossas crianças mais jovens (Nova Iorque: Carnegie Corporation of The Nova York, 1994)

⁷ Relatório que soava um alarme a respeito do desenvolvimento cognitivo das crianças americanas que deu origem a toda uma indústria de produtos de preparação cerebral de 0 a 3 anos, voltados para os pais preocupados com a questão.

Essa conclusão levou as crianças a serem preparadas cerebralmente para alcançarem bons resultados e fadou àquelas que não tinham muito estímulos verbais e matemáticos em casa e, conseqüentemente, um treinamento cognitivo insuficiente, a fracassarem na escola, que baseava suas ações propondo atividades onde os alunos teriam que seguir instruções sem entenderem o porquê daquilo que estavam executando.

Gardner (1995, p. 20) define o que é esta inteligência quantificável:

A ‘inteligência’, deste ponto de vista, é uma capacidade geral, encontrada em graus variáveis em todos os indivíduos. Ela é a chave para o sucesso na resolução de problemas. Esta capacidade pode ser medida confiavelmente em testes padronizados de papel e lápis que, por sua vez, predizem o futuro sucesso na escola.

Nessa visão, a inteligência era relacionada apenas às capacidades lógicas e linguísticas de resolução de problemas. Mas o que justifica então o fato de o dançarino, o compositor, o músico, que produzem coisas tão maravilhosas, não serem identificados em tais testes? A descoberta de novas áreas do conhecimento humano, envolvendo uma gama maior de capacidades do homem, surgiu trazendo explicações para tais fatos.

2.2 Gardner e as demais capacidades humanas

Inicialmente a inteligência de uma pessoa era pautada na sua capacidade lingüística e lógica de resolução de problemas, capacidades essas que desenvolviam o papel crucial no sucesso escolar, ignorando assim o fato de as pessoas possuírem outras capacidades além das avaliadas. Os testes de QI prediziam um bom desenvolvimento escolar da pessoa, mas não o desempenho de sua profissão após a instrução formal e assim, a continuação desse sucesso na sua vida.

Para Gardner (1995), a inteligência é um conjunto de capacidades, talentos ou habilidades mentais, e qualquer pessoa possui alguma dessas capacidades em determinada medida. Ele diz que inteligência é um “*potencial biopsicológico*”, pois todos têm o potencial de exercitar um conjunto de faculdades intelectuais, do qual sua espécie é capaz. A cultura que circunda o indivíduo desempenha função fundamental na determinação do nível em que o potencial intelectual de uma pessoa é realizado, assim como citado no trecho abaixo.

A teoria da IM⁸ é elaborada à luz das origens biológicas de cada capacidade de resolver problemas. Somente são tratadas aquelas capacidades que são universais na

⁸ Inteligências Múltiplas.

espécie humana. Mesmo assim, a tendência biológica a participar de uma determinada forma de solução de problemas também deve ser vinculada ao estímulo cultural nesse domínio. Por exemplo, a linguagem, uma capacidade universal, pode manifestar-se particularmente como escrita em uma cultura, como oratória em outra, e como linguagem secreta dos anagramas numa terceira. (GARDNER, 1995, p. 21).

Surge então uma visão mais holística sobre a inteligência, abrangendo a percepção das capacidades do ser humano, que estavam limitadas apenas a lógico matemática e linguística, ampliando para inteligência espacial, musical, corporal-cinestésica, e duas pessoais, a intrapessoal e interpessoal.

Gardner (1995) define a Inteligência Linguística como a capacidade desenvolvida em sua forma mais completa, talvez, pelos poetas. Pode aparecer bem acentuada, mesmo em pessoas que, com reduzido vocabulário, sabem dizer bem suas mensagens. Antunes (1999) a define como a capacidade de todo ser humano construir imagens com palavras. Já a Inteligência Lógico-Matemática é identificada por Gardner (1995) como o próprio nome implica como a capacidade lógica e matemática, que é a capacidade de aprender e, sobretudo, perceber a projeção dos conceitos, dos símbolos e formas matemáticas. Cita essas duas primeiramente não porque as julgue mais importante, pois para ele todas têm igual direito à prioridade, mas por na sociedade estas serem colocadas em um pedestal, dizendo que grande parte da “*testagem*” está baseada nessa alta valorização das capacidades verbal e matemática. O autor segue definindo a Inteligência Espacial como sendo a capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e de ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo e também a facilidade que o indivíduo tem de se deslocar ou imaginar os conceitos de espaço e tempo. A Musical caracterizada como sendo a capacidade de percepção e produção musical; a Corporal-Cinestésica a de resolver problemas ou de elaborar produtos utilizando o corpo inteiro ou parte dele, presente em atletas e dançarinos. Finalmente propõe duas formas de inteligência pessoal, a Interpessoal como sendo a capacidade de lidar com as outras pessoas e a Intrapessoal que é a voltada para o interior, de autoestima, de formar um modelo coerente e verídico de si mesmo, utilizando-o como modelo para operacionalizar a felicidade.

Antunes (1999) relata que estudos mais recentes de Gardner falam sobre a existência da Inteligência Naturalista, que é a capacidade de operar o mundo natural, tornando-os capazes de compreender tipos encontrados na flora e fauna “conversando” com eles e conseguindo resolver seus problemas e sua adaptação, e mesmo que não citada por Gardner (1995), há mais uma inteligência discutível de aceitação, a Pictórica que aparece em pessoas que se expressam admiravelmente bem através de desenhos ou de imagens gráficas de maneira em geral.

Com isso, Garner (1995) propõe que o propósito da escola seria o de desenvolver as inteligências e ajudar as pessoas a atingirem objetivos de carreira profissional e demais ocupações, adequados ao seu conjunto de características individuais de inteligências, baseadas no fato de que nem todas as pessoas têm o mesmo interesse e habilidades, e que aprendem de maneiras diferentes. Tais condutas fariam com que as pessoas passassem a se sentir mais motivadas, engajadas a servirem à sociedade de forma mais construtiva, tendo assim mais prosperidade não somente em suas carreiras profissionais, mas na vida como um todo.

O autor acima supracitado relata que para que isso ocorra, a educação teria que se adaptar para trabalhar com a pluralidade das inteligências, adequando o ensino às variadas formas de se aprender. Esse processo se inicia então com a necessidade de se haver uma avaliação, não para quantificar a inteligência, mas de uma análise para identificar qual o perfil das inteligências de cada aluno, visto que, com exceção das populações “*excepcionais*” todos os seres humanos possuem certas capacidades essenciais em cada uma das inteligências. Relata ainda que as informações obtidas através dessa avaliação serviriam para sugerir opções para a futura aprendizagem deste indivíduo uma vez identificada seu conjunto peculiar de potencialidades e dificuldades. Baseados nessas informações seria papel da escola adaptar o conteúdo e o meio para comunicá-lo à forma de aprender do aluno.

Esta teoria trouxe para o conhecimento duas inteligências de fatores pessoais, a intra e a interpessoal, que identificam a capacidade de saber lidar com o outro e consigo mesmo. A demonstração da importância de serem exploradas essas inteligências, fazendo-se refletir sobre novos ingredientes de sucesso na vida, contribui para que elas se tornassem objeto de estudo para demais pensadores da educação.

3 O USO DAS EMOÇÕES COMO FATOR DE INTELIGÊNCIA

Este capítulo vem demonstrar a importância do ser humano desenvolver a capacidade de gerenciar sua vida emocional, uma vez que tal feito resulta conseqüentemente em uma melhoria considerável não somente no comportamento, mas principalmente no desempenho acadêmico deste indivíduo.

3.1 Inteligência emocional

Inteligência emocional é a denominação determinada por Goleman (1996) da ação conjunta das inteligências Inter e Intrapessoal apresentadas por Gardner (1995). O que difere a pesquisa dos dois estudiosos é o fato de que Gardner descreve essas inteligências não se preocupando com a moral, desta forma as mesmas podem ter ações voltadas para o bem ou para o mal. Já Goleman foca na educação da Inteligência Emocional, encarando-a como ferramenta de transformação no comportamento das pessoas. Mas tanto Goleman quanto Gardner, de acordo com Antunes (2002) propõe uma inovadora educação que trabalha regida no pensamento de que *ninguém pode ser inteligente sob todos os ângulos, nem que ninguém é incapaz em qualquer das inteligências*.

Para Goleman (1996) a Inteligência emocional pode ser expressa através de cinco pontos essenciais, partindo do autoconhecimento e conseqüentemente o autocontrole, que é a capacidade de identificar sentimentos individuais, usá-los na resolução de problemas e na tomada de decisões que resultem na satisfação pessoal; a administração das emoções que é a habilidade de controlar impulsos; a empatia, sendo a habilidade de se colocar no lugar do outro; a automotivação, que é a capacidade de preservar e conservar o otimismo mesmo em condições adversas e por último a capacidade de relacionamento pleno que é a habilidade de lidar com as reações emocionais de outras pessoas e interagir com as mesmas, estabelecendo relações saudáveis.

Tal enfoque nas emoções se deve ao fato de elas muitas vezes terem peso maior que o intelecto em determinadas escolhas, pois elas orientam as pessoas perante situações em que se devem tomar decisões valiosas demais para que sejam deixadas somente para o intelecto.

Goleman (1996) defende que tais habilidades poderiam ser trabalhadas de forma conjunta com as demais disciplinas, fundindo-se assim lições sobre os temas relacionados acima com outras matérias do cotidiano escolar. Estes momentos seriam oportunidades de ensinamento às crianças daquelas aptidões que ainda não foram desenvolvidas por elas, a fim

de que dominem habilidades humanas não só para lidarem com as próprias emoções, com aquilo que sentem, mas para estabelecerem relações interpessoais significativas, que propiciem uma integração saudável, seria esta a chamada por Goleman (1996) e Antunes (1999) de alfabetização emocional.

3.2 Alfabetização emocional

Antunes (1999) relata que alfabetizar emocionalmente é proporcionar vivências aos alunos por meio de jogos e estratégias que estimulem as funções cerebrais e alimentem a memória com informações, que ficarão armazenadas para serem usadas quando necessário, ampliando assim nosso leque de opções para que se trabalhem vários processos emocionais.

Para o autor, este trabalho não tem como fundamento a transformação da personalidade das pessoas, mas sim de conduzi-las a interagir consigo e com os demais de forma serena perante as emoções, buscando assim um bom convívio social e um futuro mais próspero, esperançoso.

Respalado pelos estudos de Goleman, Antunes (1999) propõe que seja destinado à alfabetização emocional uma aula semanal, tratando-a assim como uma disciplina. Porém o professor deveria apresentar características peculiares que o habilitassem a trabalhá-la, tendo uma mente aberta, bom relacionamento interpessoal, espírito investigativo, crítico, ter despreendimento intelectual, sensibilização às mudanças, empatia e inteligência intrapessoal.

Independente da forma em que será desenvolvida a alfabetização emocional, uma coisa é fato, investir em capacitação emocional melhora o aproveitamento no âmbito acadêmico, pois uma vez que o indivíduo consegue controlar seus impulsos, lidar com seus anseios e relacionamentos externos, certamente ele estará mais responsável e centrado naquilo que se deseja fazer.

Os resultados bons não têm reflexos somente na escola, mas na vida dessas pessoas que certamente serão melhores no seu convívio, persistindo em seus objetivos, tendo assim maior sucesso ao desempenharem seus papéis na sociedade. Certamente que nem todos vão se apropriar dessas aptidões, mas na medida em que conseguirem desenvolver esta capacidade já estarão melhores por tal feito.

De acordo com Goleman (1996), o objetivo da alfabetização emocional é de garantir o mínimo de competências para lidar com a raiva e para resolver conflitos de forma positiva, servindo assim de ferramenta na prevenção da violência desencadeada por vários outros males decorrentes da falta de autoconhecimento, confiança e controle das emoções.

Mesmo com tantos estudos comprovando a eficácia e muito interesse por parte dos educadores, encontram-se barreiras para desenvolver a educação no âmbito emocional, pois o treinamento é difícil de ser encontrado e muitos educadores ou profissionais da educação não possuem conhecimentos necessários a respeito desta teoria e/ou para sua aplicação.

Com isto a educação vem sendo praticada pautada em diversos conteúdos disciplinares, visando o acúmulo de conhecimento e não a compreensão e transformação da sociedade e do próprio indivíduo, fato este que comprova o aumento dos índices de violência, que se manifesta de várias formas na sociedade, não somente dentro, mas também fora da escola.

Tal ensino como vem sendo praticado, não prepara os jovens para o cenário que encontram no ambiente que estão inseridos, e por oferecerem uma aprendizagem não significativa, pouco atraente, vêm perdendo a capacidade de manter os jovens na escola.

A fim de reverter esse quadro e proporcionar uma educação que prepare os jovens para as competências da modernidade, oferecendo acesso a oportunidades iguais para todos, uma nova iniciativa vem ganhando espaço, a da escola como local para desenvolvimento das Competências Socioemocionais, focando em mais uma alternativa aplicável em busca do desenvolvimento da educação integral.

4. A IMPORTÂNCIA DAS CARACTERÍSTICAS SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO

Formar um cidadão preparado para transpor as barreiras de uma sociedade cada vez mais complexa, com o objetivo de proporcionar uma educação integradora, apresenta-se atualmente como o grande desafio a ser enfrentado pelas escolas. Um dos caminhos que vem se provando mais eficaz nesta empreitada é o investimento nos aspectos socioemocionais, afim de que se alavanque a aprendizagem, sem desmerecer a importância das habilidades cognitivas, mas disponibilizando mais uma forma reflexão sobre as ações para que elas se tornem mais equitativas e conseqüentemente mais eficientes.

4.1 Competências não cognitivas ou socioemocionais

De acordo com Manual de Discussões sobre Competências socioemocionais, disponibilizado pelo Instituto Ayrton Senna ⁹(2013), estudos realizados em vários campos do conhecimento, como neurociências, psicologia, vem demonstrando que o desempenho cognitivo dos educandos tem grande evolução quando uma gama de competências são acionadas e desenvolvidas de maneira intencional. Essa gama de competências refere-se às chamadas habilidades não cognitivas ou socioemocionais, pautadas na capacidade do indivíduo desenvolver o controle de suas emoções, estabelecer relações sociais harmônicas, conquistar objetivos, demonstrar capacidade de se colocar no lugar do outro, tomar decisões de maneira responsável, entre outras. Nesse caso a escola teria o papel de elaborar práticas pedagógicas mais equitativas e que consigam atingir de maneira mais eficaz os educandos, demonstrando também porque algumas pessoas conseguem estabelecer caminhos de sucesso na vida e outras não.

O debate sobre o papel e a importância dessas competências conquistou destaque no fim dos anos 90 com a publicação do Relatório do Desenvolvimento Humano intitulado de A Verdadeira Riqueza das Nações: Vias para o Desenvolvimento Humano, proposto pelo PNUD¹⁰ e também do Relatório Jacques Delors¹¹, organizado pela UNESCO¹².

⁹ Organização sem fins lucrativos que trabalha para ampliar as oportunidades de crianças e jovens por meio da educação

¹⁰ PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

¹¹ Foi autor e organizador do relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, intitulado: Educação, um Tesouro a descobrir (1996), em que se exploram os Quatro Pilares da Educação.

¹² Unesco é a sigla para Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Ambos demonstram a importância de se ofertar uma educação que considere o ser humano em sua integralidade. O relatório proposto pela PNUD enfatiza que as pessoas são o centro dos processos de desenvolvimento e a educação tem papel importante em transformá-las, ajudando-as a se prepararem para terem escolhas responsáveis e a transformarem todo seu potencial em competências.

Já o relatório de Jacques Delors (1996) é um dos documentos impactantes na transformação de discurso educacional em resposta aos atuais desafios e sugere um sistema de ensino fundado em quatro pilares, sendo **aprender a conhecer**, que seria o aprender a aprender, trabalhando a memória, o pensamento e a atenção; depois o **aprender a fazer**, com o intuito de saber agir no ambiente em que está envolvido; o **aprender a viver juntos** relacionado ao convívio em busca de aprender a compreender o outro e a construção da consciência da interdependência,, e por último o **aprender a ser**, onde há a integração das três anteriores. Podemos verificar no pequeno trecho deste relatório o enfoque que Delors dá ao desenvolvimento pleno do ser humano. (Grifo nosso)

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (Delors, 1996, p. 89)

De acordo com Santos e Primi (2014) o intuito de alcançar esses quatro pilares, proliferaram no mundo iniciativas para definir de maneira mais estrita e rigorosa quais seriam as competências necessárias ao alcance dos quatro pilares propostos, bem como verificar se haveria outros grandes objetivos do aprendizado. Segundo os mesmos autores, vários estudiosos como Heckman e Kautz¹³ (2012) e Putnam¹⁴ (1995) investigaram a relação entre desenvolvimento socioemocional e desenvolvimento cognitivo, bem como o elo de ambos com os diversos contextos de aprendizagem (escola, família, comunidade, ambiente de

¹³ Heckman, J. J., & Kautz, T. (2012). *Hard evidence on soft skills*. In: *Labour Economics* 19 (4), 451-464. Elsevier. Heckman, J. J., & Kautz, T. Provas concretas sobre habilidades maleáveis.. Em: *Economia do Trabalho* 19 (4), 451-464. Elsevier

¹⁴ Putnam, R. D. (1995). *Bowling alone: America's declining social capital*. *The Journal of Democracy* 6 (1), pp. 65-78. *Bowling Alone: América do declínio do capital social*. O *Jornal da Democracia*., em que Putnam abrange o conceito de Capital social.

Esses conceitos relatados pelos autores acima, abrangem capacidades maleáveis e sensíveis a experiências e interação com outras pessoas (por isso o termo soft, em contraposição aos menos maleáveis inteligência e conhecimento, tal como medidos por testes de desempenho e QI.

trabalho e etc.) e com diversos indicadores de bem-estar ao longo da vida (renda, saúde e segurança, entre outras). Seus estudos levaram a descobrir conceitos de capacidades que se transformam de acordo com a vivência com outros indivíduos, contrapondo-se àquelas ligadas a inteligência e conhecimento medidas através dos testes de QI.

Desses estudos originou-se a Teoria do Big Five¹⁵, que analisa a personalidade humana em cinco dimensões: a **abertura a novas experiências**; caracterizada por um indivíduo imaginativo, curioso, excitável; a **extroversão**, onde o indivíduo é um ser entusiasmado, **socializável**; têm-se a amabilidade, que identifica o ser que tende a agir de modo cooperativo e tolerante; a **consciência** também traduzida como conscienciosidade de uma pessoa organizada, esforçada, responsável e por último a **estabilidade emocional** caracterizada por um ser que não apresenta mudanças bruscas de humor, aquele que se mostra consistente em suas reações emocionais. (Grifo nosso)

De acordo com Arai, Rocha, Oliveira (2014), a Teoria do Big Five é oriunda de um estudo sobre as devolutivas de questionários tratando de comportamentos representativos de todos os traços de personalidade que uma pessoa pode apresentar. Estes quando executados em diferentes momentos e para pessoas de diferentes lugares e modos de vida, apresentaram respostas que seguiram um mesmo esquema, de onde então surgiu a hipótese que a personalidade do ser humano juntava-se nesses cinco domínios, já citados anteriormente.

Logo uma pessoa com a competência de amabilidade bem desenvolvida apresentará maior confiança no próximo, será mais obediente, terá menor probabilidade de ter atitudes de *bullying* com alguém, já a aberta a novas experiências tem amplos interesses, é sensível, apresenta mais facilidade em português; o extrovertido por ser entusiasmado é mais feliz, consegue permanecer por mais tempo na escola; aquele que tem a competência de conscienciosidade desenvolvida por ter mais autonomia e objetivo, certamente viverá longe de drogas, violência, e por ter muita disciplina terá mais facilidade em matemática, já o

¹⁵ O pioneirismo da teoria dos Big Five é atribuído a Gordon Allport e colegas, em meados dos anos 30. Influenciados pela hipótese léxica de Francis Galton, segundo a qual as diferenças individuais mais importantes deveriam estar presentes na linguagem cotidiana, Allport e seus colegas buscaram nos dicionários todos os adjetivos que poderiam descrever atributos de personalidade (como por exemplo: “amável”, “agressivo” etc). Novo refinamento foi então proposto nos anos 40 por Raymond Cattell, que reduziu a lista de adjetivos para 171 termos e depois os agrupou via análise fatorial por afinidade em 35 clusters. O passo seguinte foi então construir testes de personalidade que permitissem capturar estas múltiplas dimensões de personalidade. A partir dos anos 60, com grandes amostras provenientes da aplicação de diversos testes de personalidade e reanálises dos estudos de Cattell, diversos autores encontraram que cinco fatores principais explicavam a maior parte da variação existente nos testes. A partir da década de 60 os autores que mais contribuíram ao modelo sendo assim considerados os “pais” desse modelo foram: Lewis Goldberg, Robert R. McCrae e Paul T. Costa, Jerry Wiggins e Oliver John.

indivíduo com estabilidade emocional se apresenta mais confiante e com maior capacidade de resiliência, conseqüentemente será mais feliz no decorrer de sua vida.

Tal teoria vem sido comprovada por pesquisadores do mundo, assim como citado por Arai, Rocha, Oliveira (2014) onde John, que atua como professor de psicologia na Universidade da Califórnia em Berkley e é autor do *The Big Five Personality Test*¹⁶, um dos mais robustos testes de avaliação dos traços de personalidade, que analisa pela primeira vez na história, que é possível entender o que acontece com os traços de personalidade. “Temos a chance de conectá-los às escolas, e as competências socioemocionais são atributos que não podemos subestimar”, afirma. O professor de Berkley explica que a teoria dos Big Five tem sido comprovada por diversos pesquisadores independentes ao redor do mundo, dizendo que é incrível que estudiosos do Brasil também encontrem as mesmas respostas, o que ele entende significar que as pessoas podem trabalhar juntas em busca do que funciona, ao invés de ficar dizendo que isso é meu ou seu. “Eu não sou dono da teoria dos Big Five e você não precisa me pagar royalties (compensações). Ela (teoria) funciona como um código aberto”.

Diante todo esse histórico as Competências Socioemocionais ganharam maior ênfase. Instituições como a OCDE¹⁷ passaram a construir conhecimento sobre tais competências para maior disseminação e conseqüente aplicação na educação.

4.2 Características mais importantes que a inteligência para uma educação de sucesso

Cotidianamente as pessoas associam inteligência ao sucesso, dando ênfase à avaliação do desenvolvimento cognitivo, como se tal êxito neste quesito fosse determinante na formação de adultos felizes e bem sucedidos.

Reunindo estudos, Tough (2014) nos prova que características como perseverança, determinação, autocontrole, conscienciosidade, otimismo, são mais importantes que a o conhecimento das disciplinas em si. Através da análise desses estudos, ele descobriu que as habilidades não cognitivas são de mera importância no desenvolvimento das cognitivas, visto que conseguir comporta-se, ficar quieto, manter a concentração, não desistir perante os desafios ajudam e muito na aprendizagem que uma pessoa conseguirá atingir. O desenvolvimento dessas capacidades não cognitivas tem reflexo até na vida fora das escolas, demonstrando, por exemplo, que uma pessoa com conscienciosidade tem menos chances de contrair dívidas, passar por divórcios e de se envolver na criminalidade.

¹⁶ Teste das cinco grandes personalidades

¹⁷ Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE)

O autor supracitado objetiva suas pesquisas em descobrir o que determina que uma pessoa obtenha ou não sucesso na vida, relacionando a palavra sucesso não somente a interligado ao aspecto financeiro, mas sim a uma existência produtiva e significativa. Ele explica que assim como uma pessoa que vem de uma situação de vulnerabilidade social está em desvantagem pelo fato de ter vivenciado muitas situações de estresse na infância e por muitas vezes não ter tido uma figura que lhes desse afeto e os ensinasse o autocontrole para saberem lidar com tais situações, as pessoas que vivem em famílias com tranquilidade financeira e meio de convívio saudável, também têm um fator que poderá influenciar no destino de suas vidas, ou seja, o fato de terem sido protegidas dos fracassos impediu que elas aprendessem a lidar com eles.

Mas mesmo tendo conhecimento de que o desenvolvimento das pessoas ocorre de maneira multidimensional, e que para isso é de fundamental importância o domínio de competências de origem comportamental e afetiva, o envolvimento dos profissionais da educação em trabalhar tais competências é muito pouco ou quase nulo, devido à falta de acesso à informação. Com o intuito de ampliar as bases de conhecimentos sobre o assunto, várias instituições e estudiosos vêm pesquisando sobre as competências socioemocionais, a fim de que se consiga embasamento teórico, desenvolvimento de práticas e até de políticas públicas para que tais competências se tornem objetivos da educação, devido sua comprovada importância na formação integral do ser humano.

5 CONCLUSÃO

Vivemos em um tempo em que a sociedade se apresenta bastante complexa, exigindo cada vez mais dos indivíduos que sejam protagonistas do seu desenvolvimento. Nesse contexto, a escola tem grande influência na formação desses seres, uma vez que a instituição é responsável pela promoção da educação que tem como oportunidade central prepará-los a fazer escolhas e transformar em competências o potencial que trazem consigo.

Porém esta escola continua a ter ações que não atendem às atuais demandas, dando relevância aos conteúdos curriculares tradicionais, em busca apenas de bons resultados em avaliações e exames, com repetição e testes. Tais resultados, também importantes, podem até levar o indivíduo a ter uma nota maior, mas as instituições de ensino estão esquecendo que são parte indissociável do projeto de vida de seus estudantes, e devem também ser espaço de preparação para alcançarem uma vida plena, a fim de que consigam um trabalho, que se tornem produtivos, que construam relações saudáveis com os demais indivíduos da sociedade e, até mesmo, que elaborarem e implementem seus projetos de vida.

Não é que a escola esteja parada no tempo, houve muitos avanços, mas ainda temos muito a conquistar a fim de que se ofereça não somente mais acesso à educação, mas também um ensino que propicie a redução das desigualdades de aprendizagem dentro dos sistemas educativos, e que prepare realmente os estudantes para vencerem os desafios da sociedade moderna, auxiliando-os para que se tornem cidadãos autônomos, produtivos, solidários, conquistando assim novos significados para si e suas famílias.

Com o desenvolvimento da pesquisa, pôde-se reconhecer a complexidade do ser humano e, para desenvolvê-lo de forma integral, é necessário incorporar estratégias de aprendizagem mais flexíveis e abrangentes dentro das escolas, sendo uma dessas a abordagem das competências socioemocionais como uma das maneiras de colocar em prática atitudes e habilidades como manter relações positivas, escolher opções responsáveis, controlar sentimentos, demonstrar empatia, entre outras.

Muitas atitudes são tomadas por parte do Estado, buscando melhorar a qualidade de vida da população, pontuando ações no âmbito econômico de modo assistencialista que se tornam um apoio, não uma forma de propiciar uma resolução para o problema. Vivenciamos situações em que a educação promove a segregação, de um lado colocando aqueles que conseguem bons resultados, do outro, os que não. Esses indivíduos acabam marginalizados vivendo em situações de violência, estresse e devido a isso perdem o controle facilmente, têm dificuldade de organizar informações e de manter o foco. Tal ciclo apresenta como última

fase, o fato de não apreenderem o conteúdo que será item de estimativa daquelas avaliações e exames que determinam a segregação e continuarem na pobreza por não conseguirem contornar e modificar sua situação.

Constatamos também que muitas pessoas vivem em vulnerabilidade social, e mesmo na adversidade conseguem prosperidade. Tal fato se deve à capacidade que desenvolveram de lidar com o fracasso, de estabelecer relações saudáveis, de autocontrole, de perseverança. Isso nos demonstra que as habilidades não cognitivas nem sempre são inatas e podem ser desenvolvidas durante a existência do ser humano e servem como ferramenta para o indivíduo superar suas desvantagens; não resolve as injustiças, mas promove um jeito de contorná-la. Portanto, são tão importantes quanto às cognitivas para a obtenção de bons resultados em diversas esferas do bem estar humano. O mais importante é que conseguem isso por meio da sua contribuição para o sucesso escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional**: novas estratégias. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ARAI, Daniela; ROCHA, Marília; OLIVEIRA, Vinícius de . **Especial: competências socioemocionais**. São Paulo: Instituto Ayrton Senna e Porvir, 2014. Disponível em : <http://www.porvir.org/especiais/socioemocionais/>>. Acesso em 20 de abril de 2015.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 1996. Disponível em : <<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf> >. Acesso em: 20 de abril de 2015.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: porque ela pode ser mais importante que o QI. São Paulo: Objetiva, 1996.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Competências socioemocionais**. 2013. Disponível em: <http://educacaosec21.org.br/wp-content/uploads/2013/07/COMPET%C3%80NCIAS-SOCIOEMOCIONAIS_MATERIAL-DE-DISCUSS%C3%83O_IAS_v2.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2015.

KLUGMAN, Jeni. **Riqueza das nações**: vias para o desenvolvimento humano. Relatório de desenvolvimento humano, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2010. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/hdr/arquivos/RDHglobais/PNUD_HDR_2010.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnica de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. p. 15

SANTOS, Daniel; PRIMI, Ricardo. **Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar**: uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2014. Disponível em: <<http://educacaosec21.org.br/wp-content/uploads/2013/07/desenvolvimento-socioemocional-e-aprendizado-escolar.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

TOUGH, Paul. **Uma questão de caráter**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.